Resenha Musical

Prof. Clovis de Oliveira
Diretor

Profa. Ondina F. B. de Oliveira
Redatora

Ano III • SÃO PAULO — AGOSTO — 1941 • N. 36

FRANCO CENNI —— CAVALOS AO ANOITECER

Resenha Musical

Morreu Eduardo Bevilacqua!

Morreu o pintor Eduardo Bevilacqua!

Essa a infausta noticia que os jornais divulgaram ha dias. Morreu no Rio de Janeiro, em Ramos, num modestíssimo quarto, na mais negra miséria! Nós que o estimavamos, nós que sempre olhámos com pesar o seu infortúnio, nós, hoje, não poderiamos deixar de derramar nossas lagrimas sentidas porque não só desapareceu o amigo, como um artista brasileiro de valôr!

Morreu Eduardo Bevilacqua! E morreu na miséria, sobre uma cama que seus visinhos lhe levaram para que não findasse seus dias numa esteira amarela e fria que antes lhe servira de leito! E Eduardo Bevilacqua era professor livre-docente da Escóla Nacional de Bélas Artes! E Eduardo Bevilacqua era Premio de Viagem! E Eduardo Bevilacqua era um artista da rígida escola tradicional! E Eduardo Bevilacqua era ex-diretor da Sociedade de Bélas Artes do Rio de Janeiro, que fundou! E Eduardo Bevilacqua era ex-professor da Escola de Belas Artes Dr. Adhemar de Barros, de Araraquara!

E, mésmo com todos esses títulos, morreu num ostracismo involuntário que o levou a má vontade dos homens, a inconciência dos homens! Nos calou profundamente o fim triste que o destino reservou a Eduardo Bevilacqua, quando ele na sua modestia sempre traçou a trajetória de sua vida pela mais absoluta honestidade profissional e artística. Artista e profissional, mesmo como professor, ditou sempre a sua arte com a mais firme autoridade pelos conhecimentos que acumulou tanto em sua Patria como nos bélos dias em que, desfrutando um Premio de Viagem, aperfeiçoou seus estudos na Europa!

A morte de Eduardo Bevilacqua pelos títulos que ele possuía e pelo seu valôr como pintor, nos leva a considerá-la como vexatória para a nossa cultura! Porque um artista com esses títulos, principalmente o de professor livre-docente da Escola Nacional de Bélas Artes, deveria sentir-se amparado em sua desdita! Ainda mais, Eduardo Bevilacqua, foi professor da Escóla de Bélas Artes de Araraquara, neste Estado. Essa instituição fundada pelo benemérito e valoroso bandeirante Bento de Abreu Sampaio Vidal, onde laboraram tambem os pincéis de Hilda e Quirino Campofiorito. E, naquela pequena cidade do interior, uma transformação política, local, levou a novel instituição artística à guilhotina! Cortaram-lhe a subvenção municipal que a amparava! E, assim, a Escóla de Belas Artes de Araraquara, perdeu sua vitalidade; seu mestre de valôr, o seu ganha pão e o corpo discente, composto de uma pléiade de jovens entusiastas, uma carreira iniciada auspiciosamente sob uma atmosféra pródiga de efluvios promissores.

E Eduardo Bevilacqua procurou, desamparado, outro campo para suas atividades. Esteve algum tempo em S. Paulo e depois regressou definitivamente para o Rio de Janeiro. E lá em curto espaço de tempo, veio a falecer, em 27 de julho p p deixando viuva dona Anita Bevilacqua e uma filha Iracema.

Esta revista ao apresentar pesames a familia enlutada, lavra um eloquente protesto junto aos que pela má vontade ou negligência, deixaram perecer envolvido pela mais negra e lúgubre miséria, aquele que em vida traduziu em télas magníficas a mais sublime das luzes, a beleza inegualavel da Arte!

BRAHMS

ERNEST MELICH

Brahms, segundo a descrição de um contemporaneo, tinha a aparencia de um enorme urso bisonho, gordo, redondo' de testa olimpica. Detestava camisa e colarinho engomados, evitando o mais possivel usá-los. Na maioria das vezes aparecia com jaqueto de alpaca, remendada nos cotovelos, e com um chapéu velho deformado, que teria ficado melhor na cabeça de um simples lavrador. Com tempo chuvoso embrulhava-se num chale, prendendo o no peito com um enorme alfinete.

Cheio de saude, levantava-se às cinco horas da manhã, preparava o seu café, e percorria por cinco ou seis horas os arredores de Viena, encontrando as melhores ideias na calma das florestas.

Gostava de insultar o próximo. Quando um jovem compositor lhe mostrou a sua última composição, esperando anciosamente a opinião do mestre, êste, depois de examiná-la, disse de tom sêco: "Que excelente papel de música; onde o snr. o encontrou?

Outra vez, quando regia a "Criação" de Haydn, para o célebre côro da Filarmônica de Viena, parou e, dirigindo-se às sopranos, perguntou: "Mas, minhas senhoras, porque cantam êste trecho tão vagarosamente? Com certeza cantaram muito depressa na primeira audição sob a batuta de Haydn!" (A primeira audição se tinha realizado ha mais de sessenta anos!).

Detestava a hipocrisia e as bajulações para com os artistas. Aborrecia-se das mulheres que procuravam obter sua fotografia ou mesmo um anel dos seus cabelos.

Certa vez, ao sair de uma reunião, disse: "Se por acaso me esqueci de ofender qualquer pessôa, peço desculpas!" Em outra ocasião ao despedir-se do dono da casa perguntou este se Brahms havia gostado da reunião: "Como podia gostar, se tive a meu lado direito uma senhora falando em mi-maior e do esquerdo outra falando em mi-menor! Foi horrivel!"

Diante da admiração geral com que foi acolhido pelo público de Viena, restava-lhe só a atitude deliberada de austeridade. Atrás de uma fisionomia dura, austera, escondia-se uma natureza sensível e um coração cheio de bondade.

Sempre estava em relações amorosas, sempre procurava uma alma que lhe correspondesse. Tinha saudades de esposa de familia e de crianças, mas nunca podia chegar a uma resolução. "Quando eu queria casar-me — confessou — as minhas composições foram assobiadas. Eu mesmo podia bem aguentar isso porque eu sabia o verdadeiro valor delas. Voltando ao meu quarto solitário após tais fracassos, nem por isso fiquei desanimado. Justamente ao contrário. Mas depois de tal experiência voltar à esposa para ser consolado por ela — não, isso teira sido o inferno para mim"

Uma senhora, certa vez, perguntou-me se não havia encontrado uma mulher para esposa. "Não, nenhuma delas me quiz. E se po racaso tivesse encontrado, não o teria aguentado por causa do seu péssimo gosto".

A celebridade lhe chegou muito cêdo. Com vinte e cinco anos apenas, foi introduzido no mundo musical por Schumann como o "Messias da música". Tôdas as suas obras, mesmo as que não foram apreciadas repercutiram e eram discutidas em todos os meios musicais. Mas nem os triunfos nem os fracassos conseguiram influenciá-lo. Imperturbavel sguiu êle o rumo que o gênio lhe indicou.

Deixou passar 40 anos antes de compôr a sua primeira sinfonia. Mais ainda: a sua auto-crítica lhe aconselhou escrever primeiro uma obra sinfônica de menor tamanho. Assim escreveu as "Variações para orquestra" sôbre um têma de Haydn, op. 56, o prelúdio das quatro sinfonias.

Enquanto Beethoven servia-se da forma de variação, forma que anteriormente foi pretexto para méra virtuosidade seja de garganta seja de um instrumento, para implantar-lhe uma idéia poética, Brahms aplicou toda a riqueza da sua fantasia e a sua maravilhosa técnica de compositor para elevar esta forma, a uma óbra de art de primeira ordem. As variações em questões baseavam-se sôbre um têma dum Divertimento de Haydn, que foi denominado "Chorale St. Antoni", pelos contemporâneos.

A ingenuidade popular da melodia está em contraste notável à sua arquitetura um pouco irregular dos dois periodos de cinco compassos cada um. Com abundância de idéias e invenções cativantes, apresenta cada uma delas, uma óbra mestre delicadamente instrumentada.

Enquanto a primeira se desenrola em movimento ondeante, a segunda é viva e caprichosa com contrastes chocantes. A suave canção religiosa da terceira variação é seguida, na quarta, por uma melodia tipicamente Brahms, profunda e pensativa. A quinta se apresenta como um verdadeiro "Scherzo", num movimento vivíssimo dos naipes palradores. Pela energia e grandeza da sexta variação já se anuncia o Brahms das sinfonias posteriores. A sétima variação em forma de "Siciliana" e uma das mais felizes invenções do mestre, é uma melodia suavíssima tingida pelas mais delicadas côres instrumentais. Após a breve fantasmagoria mística da oitava variação, desenvolve-se o "Finale" sobre um "basso ostinato" dos contrabaixos e violoncelos. Mais intenso bate o rítmo do têma inicial, mais complexo torna-se o conjunto das vozes orquestrais para terminar numa "Coda" majestosa e triunfal.

PASSAGEM DO BATALHÃOSINHO

— Clovis de Oliveira —

(para piano - duas mãos)

"A mais linda estilização dos nossos batalhões infantis"

Nova Edição — Preço: 3$000

Pedidos á Redação de "RESENHA MUSICAL" ou ás melhores casas de música

De alguns musicos do Vale do Paraiba

FRANCISCO CARLOS DA SILVEIRA

(*Para a RESENHA MUSICAL*)

Dr. Carlos da Silveira
Do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Não sou musico e poderão arguir-me de temerario, por vir a estas colunas, reservadas a artistitas, afim de falar sobre cultivadores da arte de Euterpe. Sou, entretanto, um sapateiro que não quer subir alem da chinela. Tenho ultimamente feito algumas pesquisas genealógicas, e, na execução desses trabalhos, encontro, por vezes, curiosas figuras de musicos. Daí me veio a idéia de escrever qualquer coisa sobre alguns musicos que conheci pessoalmente, e tambem de outros a respeito dos quais ouvia sempre referências.

O meu primitivo plano, conforme disse a Clovis de Oliveira, era o de um artigo intitulado "De alguns musicos do Vale do Paraíba" e, no artigo, incluiria todos os de que deveria tratar. Aconteceu, porém, que colhi material mais farto do que julgava e, então, tive por melhor empreender uma pequena série, debaixo do mesmo título, com a vantagem de não monopolizar a "Resenha" e de não cansar muito os eventuais leitores que tiverem a coragem de ler as presentes notas. Digo coragem, não pelas pessoas aqui apresentadas, cujo mérito, maior ou menor, não se discute; a desvalia das presentes notas é que poderá afastar os interessados.

Nasci em Silveiras e, assim, é justo que traga para estas colunas os nomes de alguns musicos silveirenses. Depois irei escrevendo sobre os de Areias, Queluz, Pinheiros, Bananal, dos quais tenho anotações.

Dos musicos nascidos em Silveiras, o que conheci mais de perto foi meu pai, Francisco Carlos da Silveira, nascido em Silveiras a 5 de Setembro de 1851 e falecido aqui em São Paulo, no decurso de uma intervenção cirurgica, aos 16 de Agosto de 1910. Era filho de Manoel José Carlos da Silveira e de Liduina de Godoi Preto Bicudo Leme, fazendeiros. Órfão de pai, em 1871 ,e, na emergência, desprovido de recursos, seguiu para Lorena, muito pobre, afim de aprender oficio de alfaiate, com um parente, primo de Liduina, de nome Lucio Bicudo Leme da Silva, estabelecido em Lorena. Nessa terra travou ótimas relações de amizade com um rapaz queluzense que por lá andava, tambem à procura de melhor situação e era ele Antonio Ezequiel Alves de Camargo, que depois aqui se formou em Direito, em 1881. Antonio Ezequiel, musico do qual hei de falar, dava aulas e vivia de ensino. Por conselhos de Antonio Ezequiel Alves de Camargo, "Chico Carlos", como era conhecido Francisco Carlos da Silveira, estudou um pouco de musica em Lorena e voltou logo para Silveiras, onde tinha aula de musica, muito afamada, Manoel Martins Ferreira de Andrade, o "Macota", que tambem virá para estas notas.

Não pude apurar com quem Chico Carlos estudou musica em Lorena e talvez o fosse com o proprio "Totó" Ezequiel. Tambem ignoro se, na sua volta para Silveiras, andou na aula de musica do "Macota". O fato é que em Silveiras, de 1872 a 1881, data em que se transferiu para Pinheiros, realizou notaveis progressos em musica, tornando-se professor da arte e ensinando varios instrumentos, entre os quais piano, cuja técnica dificil e ingrata conseguiu adquirir num prodigioso esforço autodidatico que muito admiro. Chegou a executar musicas ao piano, com grande desembaraço. Viajando sempre para o Rio de Janeiro, observando, entrando em relações com musicos de valor, Chico Carlos ganhou prestígio principalmente como pro-

fessor de piano, em Silveiras (1872-1881), Pinheiros, Cruzeiro (1881-1886), Queluz (1886-1898), e até mesmo em Cachoeira. Era um professor bravissimo e muito exigente.

Chico Carlos tornou-se o professor das filhas de muitos fazendeiros da zona indicada e, entre elas, teve sempre excelentes alunas. Das suas discipulas de piano, entretanto, sobrelevou-se Maria Rita de Morais Ribeiro, nascida em 1867, no Amparo de Barra Mansa, na então Provincia do Rio de Janeiro, filha de José Antonio Ribeiro e de Rita de Morais, que foram fazendeiros em São Francisco de Paula dos Pinheiros. Maria Rita de Morais Ribeiro, mais conhecida por "D. Mariquinhas Rita", faleceu há pouco nesta Capital e deixou viuvo o seu esposo Dr. Lucas Nogueira da Silva, conhecido clinico.

Tendo vida muito ativa como professor de piano e em outras ocupações (foi escrivão e tabelião, de 1891 a 1898, serventuario vitalicio do primeiro oficio de Queluz), não sobrava a Chico Carlos o tempo necessario para escrever musicas e, assim não deixou composições. Ganhava bastante dinheiro com as suas aulas e posteriormente com o seu cartorio, mas, filho de fazendeiro gastador, e convivendo com fazendeiros, tinha formado para si um conceito da vida, que não podia prover com pouco numerario: mesa farta e concorrida, caçadas, um joguinho...

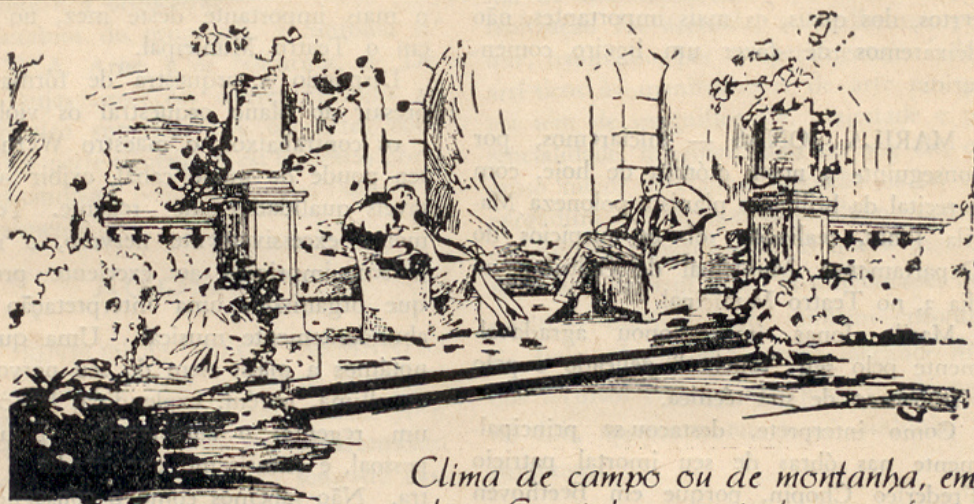
Chico Carlos gostava muito de organizar a parte musical para as festas religiosas de Junho, em Queluz, que se realizavam ali, antigamente, a 23, 24 e 25 do citado mês e precedidas de novenas. Eram as festas de São João Batista, padroeiro de Queluz; do Espirito-Santo e de Nossa Senhora. Nesse mistér empregava tempo, esforço e não pouco dinheiro, pois o que recebia dos festeiros, no contrato feito, de maneira alguma compensava o dispendio da manutenção e gratificação aos musicos que convidava: Emilia Santa Rosa, soprano, de Rezende; Francisco Raposo Pereira de Lima, tenor, de Baependí; Marinha Lobão, contralto, de Rezende; José dos Passos, violinista, de São João d El-rei, professor de musica da Escola Normal de Juiz de Fora; e outros, componentes de orquestra, e componentes ou reforçadores da banda de musica que abrilhantava os festejos. Dirigia os ensaios, regia a orquestra e figurava nas vozes com a parte de barítono, de que se desempenhava com galhardia.

Não sei de quem Chico Carlos teria herdado o temperamento musical, que o revelava e em alto grau. Entre seus ascendentes remotos, na linha materna, se me deparou um professor de musica — Francisco de Barros Freire, que morava em Itú, por 1685. Esses Barros Freire, que aparecem na "Genealogia Paulistana" do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, volume setimo, título "Freitas", tinham ao que parece grande propensão artistica, que de certo transmitiram para a descendencia, pois convem não esquecer que o poeta mineiro Claudio Manoel da Costa era Barros Freire, por linha materna.

Se tivesse vivido num outro meio, sujeito a uma disciplina artística constante, Chico Carlos acharia aso para se revelar por inteiro numa arte afinal ingratíssima sob o ponto de vista que se convencionou chamar pratico. Considerando bem esse aspecto da vida dos artistas musicos, Chico Carlos recusou-se a ensinar musica aos seus tres filhos homens e só o fez em relação à filha. Dizia ele sempre: "Os rapazes aprendem musica e metem-se em más companhias". Juizo severo, não há dúvida, mas era a lição da experiência, bebida no meio em que viveu.

Um aluno dizia, certa vez, a Gounod:

— Não necessitamos nem de mestres, nem de doutrinas. Isso tudo apaga a nossa individualidade.

— Sou da mesma opinião — respondeu Gounod — Nada de páis... todos filhos.

Clima de campo ou de montanha, em plena Capital e com todo o conforto das grandes cidades, só no

Jardim-América

ou no

Pacaembú

— duas maravilhas de urbanismo na metropole paulistana

Inscrições N.os 11, 14 e 8, nas 4.a, 2.a e 5.a Circumscrições

COMPANHIA CITY

A maior organização imobiliária e urbanística da América do Sul, estabelecida em S. Paulo desde 1912

89, RUA LÍBERO BADARÓ

CONCERTOS

Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA

Julho destacou-se por alguns bons concertos, dos quais, os mais importantes, não deixaremos de fazer um ligeiro comentario:

MARILA JONAS — iniciaremos, por conseguinte a nossa crónica de hoje, com o recital da brilhante pianista poloneza Marila Jonas, realizado sob os auspicios do Departamento Municipal de Cultura, no dia 3, no Teatro Municipal.

Marila Jonas impressionou agradavelmente pelo seu "toucher" delicado e pelo virtuosismo de sua técnica.

Como interprete, destacou-se principalmente nas óbras de seu imortal patricio Frederico Chopin, porque em Beethoven e Bach, incluidos no programa desse recital, deixou a desejar porquanto não esteve integrada do espirito profundo desses grandes compositores.

QUARTETTO FRITZCHE DRESDEN-LISA ANSORGE-KUENING: Nesse mesmo dia 3, tivémos o concerto promovido pela Pró Arte Brasil, apresentando o conhecido e famoso Quartetto Fritzche Dresden e a eximia pianista Lisa Ansorge-Kuening, realizado no Trocadero.

É uma felicidade ouvir o Quartetto Fritzche Dresden. Executa com admiravel compreensão estilística, dentro de uma fusão sonora perfeita. Todas as finezas ornamentais das óbras sobresaem enriquecendo a unidade de execução.

A pianista Lisa Ansorge-Kuening, prestou valiosamente seu concurso na execução do Quintetto com piano, op. 44, de Schumann.

WERNER JANSEN — Apresentando o ilustre maestro norte americano Werner Jansen, promoveu o Departamento Municipal de Cultura, um grandioso concerto, o mais importante deste mez, no dia 5, em o Teatro Municipal.

Dispondo a orquestra de fórma a sobresair ao plano orquestral os violoncelos e os contrabaixos, o maestro Werner Jansen poude de modo cabal, exibir suas notaveis qualidades de regente. Temperamento excessivamente nervoso, o maestro Jansen imprimiu ao excelente programa que organizou, uma interpretação superabundantemente musical. Uma qualidade notámos a mais, alem do seu nervoso. Esta ultima, porém, explendida, basica, para um regente: o entusiasmo. Entusiasmo pessoal, e entusiasmo que irradía à orquestra. Não sabemos como o consegue quanto á orquestra, que atuou de modo transcendental quasi que asseveraremos que foi pela persuação e tacto.

Antes que prosigamos a nossa cronica para outro concerto, digamos ainda, que foram executadas com um sucésso colossal, a Alegria na horta, de Villa-Lobos, a Suite "Civic Center", de Leigh Harline e Sinfonia n.º 2, em Ré M., de Jean Sibelius.

ARNALDO MARCHESOTTI — CORAL PAULISTANO — À 19, realizou-se o recital do pianista cégo Arnaldo Marchesotti com o concurso do esplendido conjunto vocal Coral Paulistano. Esse concerto que reuniu numerosa assistencia, foi promovido pelo Departamento Municipal de Cultura.

Agradou plenamente a execução de Arnaldo Marchesotti, tanto sob o ponto de vista técnico quanto interpretativo.

Lamentavel, porém, é que o Coral Paulistano insista na execução frequente das mesmas peças. Para essa observação chamamos a atenção do seu competente e brilhante regente m.º Arquerons.

CONCERTO SINFONICO — Reg.: CAMARGO GUARNIERI — À 22, regendo Camargo Guarnieri, realizou-se um concerto sinfonico do Departamento Municipal de Cultura. O programa bem elaborado, agradou a fina e pequena assistencia que muito atenta aplaudiu com calor o regente e a orquestra.

Resaltamos do programa, a Sinfonia n.° 4 de T. A. Arne, e os Noturnos, de Debussy, cujas execuções estiveram num nivel artístico superior. A orquestra compreendeu perfeitamente o est'lo dessas óbras apresentando-as bem detalhadas sonora e musicalmente.

AGOSTO

9.ª SINFONIA: REG. ARMANDO BELLARDI — Com o teatro Municipal inteiramente lotado, realizou-se em 7, o primeiro grande concerto do Departamento Municipal de Cultura, no 2.° semestre deste ano. Coube a regencia desse importante concerto sinfonico ao maestro Armando Bellardi que já, em vezes anteriores, tem proporcionado ao público paulistano outros inesqueciveis momentos de arte como, podemos citar, a Missa de Requiem, de Verdi e Colombo, de Carlos Gomes. A escolha do maestro Bellardi para essa notavel realização foi acertada, acertadíssima, porque, habituado, por temperamento e índole artísticos às manifestações de arte no que ela tem de magnificencia, majestade e potencialidade, ninguem mais do que ele, em nosso meio, para uma execução de tal envergadura. Não que nos faltem regentes ou músicos capazes, não! É que o maestro Armando Bellardi surdo às dificuldades que qualquer outro regente tambem encontraria desistindo de tal empreza, lançando mão dos recursos escássos que pôde dispôr para tal fim, apresentou-nos a 9.ª Sinfonia, de Beethoven.

A execução teve seus altos e baixos, não resta a menor duvida, e, nem poderiamos exigí-la impecavel, porquanto não é essa nem a decima e nem a quinta vez que nos é apresentada essa monumental óbra, por esse mesmo regente, por essa mesma orquestra, por essa mesma massa coral, e, sim, pela *primeira vez!* Portanto, sua realização foi plenamente satisfatória, porque sabemos perfeitamente que o progresso de uma execução de uma óbra de tal mérito, se faz lentamente e é com a sua execução frequente que poderá atingir um aperfeiçoamento completo. Levando em conta este fator ultimo, podemos considerar com justiça e respeito a capacidade realizadora dos que se entregaram ao preparo e à apresentação dessa grandiosa 9.ª Sinfonia.

Anotamos, porem, que as vozes solistas do tenor e do baritono e, mesmo, a da soprano Mary Gassi, não estiveram à altura do conjunto.

No mesmo programa ouvimos "Andante Patetico" de Enzo Soli, que agradou pela fineza da fatúra.

MIRELLA VITA — KOELLREUTTER: À 8, a Pró Arte Brasil, reuniu no fino salão do Trocadero uma seleta assistencia afim de realizar mais um dos seus esplendidos saráus, a cargo do eximio flautista Hans Joaquim Koellreutter e da festejada harpista Mirélla Vita.

Destacou-se desde lógo a principal preocupação dos concertistas em proporcionar a todos que para alí acorreram, um recital cujo único escopo éra exclusivamente artístico. E esse fim foi amplamente satisfeito, porque as execuções se revestiram de muita seriedade e ambos artistas se integraram numa elevada interpretação.

H. J. Koellreutter possúi qualidades que consideramos essenciais num bom artista. Não lança mão de recursos comuns nos concertistas de hoje e sim se aprofunda nas óbras que executa realçando-as pela beleza do som que, aveludado, tira do instrumento. Assim como Koellreutter, Mirélla Vita, que já tivémos ensejo de nos referir em o nosso ultimo numero, conseguiu com a sua técnica admiravel aliada a um temperamento refinadamente artistico, arrancar os aplausos da assistencia.

Felicitamos a Pro Arte Brasil, que promoveu esse saráu musical, não pelo que de novidade e sim pelo de artistico.

MIECIO HORSZOWSKI — A Filarmonica no afan de apresentar sempre ao seu numeroso corpo de socios e aos amantes da arte os melhores momentos musicais, assim como os nomes de grande relevo da arte musical, promoveu, à 6, no Teatro Municipal, um concerto que esteve a cargo do grande pianista Miecio Horszowski.

Geral foi o agrado com que se houve o notavel artista, principalmente sob o ponto de vista interpretativo. Haja vista como interpretou os 24 Preludios de Chopin. Maravilhosamente! E a sua interpretação se desenvolve livremente, graças a sua técnica verdadeiramente prodigiosa.

RUA LIBERO BADARÓ, 282 - 4.º andar - FONE 2-0385

CORREIO DO RIO

EURICO NOGUEIRA FRANÇA

(*Esp. para "RESENHA MUSICAL*)

O PREMIO GUIOMAR NOVAES

Com a criação, nos Estados Unidos, do premio para pianistas que tem o seu nome, Guiomar Novaes poude facilitar de maneira atraentíssima, a aproximação musical entre as duas Américas. O vencedor de 1941 é o joven virtuose Joseph Battista, que está, presentemente, realizando concertos no Rio de Janeiro. Em prosseguimento à iniciativa de Guiomar Novaes verificar-se-á, no Brasil, a escolha dum pianista representativo, o qual vae retribuir, em "tournée" de concertos pelos Estados Unidos, a visita do colega americano.

Joseph Battista, adolescente, no inicio da carreira, é, desde já, um perfeito instrumentista. Sua virtuosidade, das mais simpáticas, filia-se à tradição clavecenista que, faz da limpidez e da igualdade, a meta principal a ser atingida no piano. No programa que executou para a "Cultura Artística" varias interpretações, apezar disso, não se revestiram de cores verdadeiras e foram notaveis, apenas, do ponto de vista técnico. Já é muito, não há dúvida, mas executando dois "Corais" de Bach, olvidou o pianista o tom profético e o acento bíblico dessas obras.

Se Bach repele a grandiloquencia, admite, ainda menos, essa especie de familiaridade que advem do puro dominio técnico. A atmosfera dos "Corais", tão carregada de efluvios, exige sonoridade específica, sendo um desacerto utilizar, aqui, o mesmo "toucher", por exemplo, que numa "Sonata", de Scarlatti.

Os predicados do concertista encontraram, porem, adequação absoluta, nos "Estudos" do op. 10, de Chopin, n.° 8 e n.° 12, e na "Valsa" do "Fiedermaus", de Strauss-Grunfeld.

Já a "Sonata", op. 110, de Beethoven, a obra capital do programa, executada na primeira parte, teve o seu andamento retardado .Joseph Battista conservou, ainda assim, a unidade da peça, fazendo ressaltar, sufficientemente, aquele "Adagio" de beleza lancinante.

O vencedor do "premio Guiomar Novaes", para satisfazer a exigencia da inclusão duma peça de autor brasileiro no programa, fez ouvir, na segunda parte, as "Cenas Infantis", do Sr. Otavio Pinto. É extremamente dificil tomar-se uma atitude em face dessa peça porque não sabemos, na verdade, qual a intenção do autor, ao escreve-la. A "suite" se refugia tanto na modéstia dos títulos ("Corre-corre", "Roda-roda", "Marcha, soldadinho", "Dorme, nênê", "Salta-salta") que a gente é tentado a exclamar, à maneira de Pirandello: "Mas não é uma coisa seria!" O proprio autor arranja, assim, um salvo conduto excelente, porque, às investidas da crítica, ele poude retorquir: "Mas eu estava brincando, apenas"! E como se trata duma obra inteiramente despretenciosa o Sr. Otavio Pinto fica dispensado de externar, por seu intermedio, quaisquer idéias ou emoções. As "Cenas Infantis" são cheias de candura, mas muito parcimoniosas no que se refere a tudo o mais. Um dos seus números, até, o "Dorme, Nênê", desperta em nós o sentimento curioso de que faltam notas na composição.

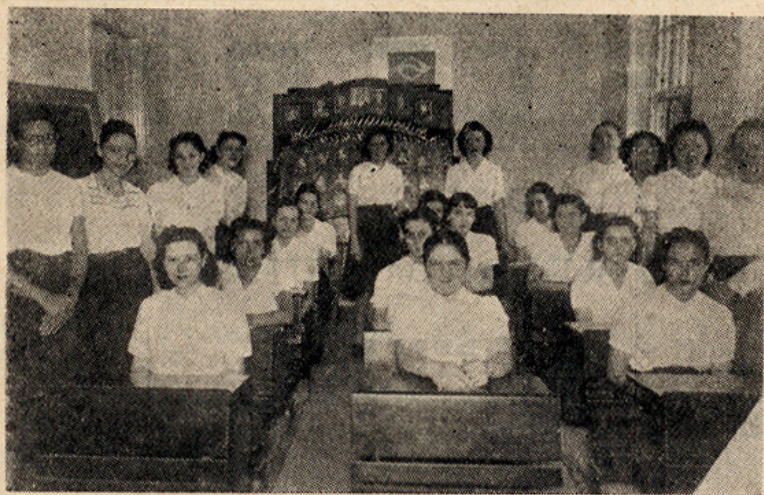
Joseph Battista, fiel às possiveis intenções do autor, brincou, somente, executando "Cenas Infantis". Mas, todo o resto do programa foi dado com absoluta seriedade, de modo a consagrar o pianista e, por isso

mesmo, a iniciativa altamente louvavel de Guiomar Novaes.

Em prosseguimento à serie de Concertos Oficiais da Escola Nacional de Música fez-se ouvir, a 29 de julho, o ilustre pianista brasileiro Arnaldo Estrela. Selecionando valores, o diretor da E. N. M., Professor Antonio Sá Pereira, revelou-se extraordinario animador da vida musical carioca. Aos concertos da Escola aflue grande público, ao qual só é dado aplaudir acontecimentos de primeira plana.

O concerto inicial de 1941 foi dedicado ao joven mestre paulista Camargo Guarnieri, ouvindo-se, deste grande compositor, duas "Sonatinas", "Toada Triste" e a esplêndida "Tocata", executadas por Arnaldo Estrella. A 2.ª "Sonata", para violino e piano, na interpretação de Eunice de Conte e o autor. O "Trio", para violino, viola e violoncelo, pelo conjunto Oscar Borgerth, Edmundo Blois e Iberê Gomes Grosso. E, na parte central, um soberbo ciclo de canções, interpretadas pela soprano Alice Ribeiro ,acompanhada, ao piano, por Camargo Guarnieri.

Ultimamente, ouvimos o insigne pianista Miecio Horszowski — ora realizando concertos na capital de S. Paulo — e uma das mais notaveis violinistas brasileiras, a virtuose paulista Althéa Alimonda; o destacado violinista Ricardo Odnoposoff e esse surpreendente e inesquecivel Coral dos Universitarios de Yale. Coube a vez, agora, a Arnaldo Estrella. O equilibrio é, pois, completo. Seguindo-se às admiraveis "performances" vocais do "Glee Club", temos a arte seria, meditada e profunda dum pianista absolutamente raro em nosso meio.

(*Continúa na pág. 14*)

ARNALDO ESTRELLA: 8.º Concerto Oficial de 1941

A liga dos pianistas em favor da obra de Brahms possue, na pessoa de Arnaldo Estrella, um dos seus membros de maior eficiencia. Essa ofensiva, desencadeada, aqui, no Rio, de maneira tacita, sob o comando do eminente mestre Tomás Terán, já conseguiu, com o concerto de Arnaldo Estrella, resultados de importancia iniludivel.

Tida a primeira parte do recital foi dedicada a esse compositor de atmosfera propria, necessariamente brumoso, por vezes, dado o erradio das visões que evoca. Serão figuras de sonho, ou de lenda, mas que se animam, entretanto, de quente paixão.

Desde a frase nicial da primeira peça, o "Intermezzo", em mi bemol menor, Arnaldo Estrella abriu, com mão segura, as portas do país de Brahms, de paisagens quasi inéditas para a maioria dos ouvintes. Ao "Intermezzo" sucederam-se o "Capricho" em si menor, e 4 "Valsas", onde há um precioso filão poético e que se aproximam de Chopin, em certos desenhos melódicos. Duas belas "Rapsodias" (si menor e sol menor) completaram a primeira parte, capaz de reivindicar, para o grande romântico, a conparação honrosa dos três "BBB": Bach, Beethoven e Brahms.

A segunda parte foi constituida pela "Sonata" em si menor, de Chopin, obra desigual, de contrução dificil, possuindo, entretanto, um fecho de extraordinaria beleza. Se Arnaldo Estrella executando-a, sempre interessou o auditorio, empolgou-o, realmente, ao traduzir esse último tempo.

Camargo Guarnieri, na terceira parte, com "Tocata", foi beneficiado pela versão magistral, de perfeita limpidez.

"O protetor Exú", de Brasilio Itiberê, arrancou demorados aplausos do público, impressionado ante a soturna profundeza dessa págna, que retrata, com veracidade exemplar, um sombrio territorio humano.

E seguiram-se as encantadoras "Impresões seresteiras", de Villa Lobos; "Soirée dans Grenade", de Debussy; a eterea "Maja y el Ruiseñor" e "Goyescas" (Requiebros), de Granados. Em extra, porem, e num ambiente de caloroso entusiasmo, Arnaldo Estrella traduziu, ainda, "Feux d'Artifice", de Debussy.

ARTES PLASTICAS

Franco Cenni

Os nossos melhores artistas, todo o mundo o sabe, são ótimos rapazes que, na sua grande maioria, se dedicam à pintura com sacrifícios contínuos e reais, justificados, aliás, por um entusiasmo profundamente sincero. — Trabalhar, trocar idéias sobre arte e discutir opiniões, constitue a grande satisfação destes homens que lutam pela conquista de um dos maiores ideais. — Todos eles, portanto, deveriam merecer a simpatia e o estímulo de quantos entre nós se interessam pelo desenvolvimento das artes plasticas. Os grandes Salões que a Prefeitura de S. Paulo reservou nos baixos do Viaduto do Chá testemunham um interesse oficial dos mais animadores, e o público enorme que visitou o Salão Paulista e a exposição do Sindicato testemunhou que os artistas podem contar com o apoio de uma grande parte da população paulistana.

Tudo correria muito bem, se não houvesse alguns malentendidos de parte a parte que, com o correr do tempo, poderiam levar a uma quasi que indiferença recíproca, altamente prejudicial para todos. Ha artistas, por exemplo, que fazendo suas algumas teorias de evidente origem exotica, mostram desinteresse pela opinião do público, convencidos de que eles devem trabalhar para uma "élite" disposta a se entusiasmar com abstrações anatomicas e coloristicas. Ha outros que, ao contrário, preferem fazer amplas concessões ao gosto comum, dentro de um sentido puramente tradicionalista que garante certo numero de vendas.

Quem está com a razão?

Todos e ninguem, evidentemente.

Porque se é justo e louvavel que um artista moço e estudioso procure resolver, mesmo com certa audácia, problemas novos; menos justo é que ele queira explicar o fracasso de suas experiencias com a incompetência do público. Se é justo e louvavel que um artista procure vender suas obras, mesmo sacrificando um pouco da propria personalidade, menos justo é que um pintor faça da sua arte apenas um meio de lucro, renunciando voluntariamente a todos os ideais. Se é justo e louvavel que o público queira julgar as obras expostas, seu julgamento nunca deveria ser precipitado e absolutista, condenando a chamada pintura moderna, sem ter feito qualquer esforço para compreendê-la. Porque, a bem dizer, não existem nem "pintura moderna" nem "academismo", mas apenas, isto sim, "pintura boa" e "má pintura". E a boa se distingue da má pintura não apenas por elementos de origem subjectiva, mas tambem por elementos de ordem técnica que exigem certo preparo por parte de quem pretende julgar.

Torna-se necessário, portanto, que exista um sólido élo entre publico e artistas.

Este élo não poderá ser outro que a imprensa, com cronicas especializadas que ori-

— VASO COM FLORES —
(Franzi Wilfer-Horst)

entem cuidadosamente os leitores, explicando as razões de cada opinião expressa.

Ha muitos artistas de primeiro plano, em S. Paulo, dentro das varias "escolas" ou "tendencia". Cada um tem suas qualidades, evidentemente, mas estas qualidades nem sempre aparecem aos olhos do leigo. Ha muitos artistas cujo valor é quasi desconhecido justamente porque, repudiando qualquer auto-publicidade, não encontram quem os apresente ao grande público. Ha toda uma campanha a ser desenvolvida em favor das Artes Nacionais e dos nossos artistas, que constituem sem duvida possivel o mais importante centro produtor da América Latina.

O público que visitou o Salão Paulista nos tres primeiros dias foi calculado em 20.000 pessoas. A exposição de Arte Franceza atingiu um "maximum" que dificilmente poderá ser alcançado. E os visitantes destas duas exposições superaram de-ce to a assistencia registrada em muitos jogos de futebol...

Os artistas de São Paulo desejam apenas que umas cronicas confiadas a elementos especializados orientem os leitores, alimentando a flama dos seus entusiasmos, mantendo sempre vivo o interesse para qualquer manifestação das Artes Plasticas Nacionais.

Os charlatães da Musica (*)

Prof. WALDEMAR DE ALMEIDA
NATAL

"Em muitos diários de bôa tiragem por este Brasil afóra, é comum lerem-se, entre reclamos de armazens de sêcos e molhados e de produtos farmacêuticos, os berrantes e comicos anúncios de professores enciclopédicos que "ensinam" desde a guitarra ao teremim.

Outros mais modestos, porém mais astuciosos, especificam: piano, violino, violoncelo, canto, enfim um verdadeiro Instituto de Música ambulante.

O "homem dos sete instrumentos" se enche de discípulos e logo é pouco para dar cabo de tantos alunos, mas termina dando mesmo cabo deles todos...

As cidades escolhidas por esses célebres impostores da Arte oferecem-lhes quasi sempre todas as possibilidades de uma vitória economica, cujo resultado, guardado avaramente, os arregimenta para o resto da vida, até que apareça uma vóz autorizada que brade ante tanta afronta às faces de uma sociedade ingenua e incáuta.

Favorecidos pela liberalidade da arte de ensinar e acobertados com o manto da ignorancia no que diz respeito à Música, continuam na sua faina inglória de acabar, destruir, aniquilar gerações que seriam — quem sabe? — uma magnífica reserva de valores artísticos capazes de enaltecer o ambiente em que vivem. O grande esforço da pequeníssima minoria no sentido de melhorar as condições do ambiente musical brasileiro, trabalhando sem desfalecimento para que não sejamos conhecidos sómente como magníficos jogadores de futebol, como ótimos espectadores de circo, é visto pela grande maioria com tão natural pouco caso que chega a fazer a gente ter piedade em vez de revolta.

E a ignorancia coletiva aumenta tão assustadoramente que ,entre essa multidão de deseducados, há quem pregue a transformação dos Institutos de Música em bodegas ou mercearias e diga nas esquinas, em voz alta, que piano é "pé-duro" e, comparado com um automovel, não passa de uma liteira!

A imprensa tem no caso, conciente ou inconcentemente, graves conivências, sérias cumplicidades com os charlatães da Música. Jornais, quasi sempre sem direção capacitada na coluna artística, deixam diariamente que os "criticos de arte", verdadeiros parvos dos principios mas comeznhos da Arte do som, sem possuirem ao menos pequena educação auditiva, lancem elogíos gratuítos à óbra nefasta desses pseudo-professores, os quais, certos de sua incompetência, devem dar bôas risadas à custa da imbecilidade do "critico" que, assinando a cronica favoravel, fazendo-lhes um rosário de elogíos, se esquece, coitado, de que está compondo o híno de sua propria ignorância. A curandíce do ensino musical no Brasil está exgindo que se mobilize uma grande fôrça capaz de iniciar uma campanha severa que venha libertar a geração vindoura desta casta de criminosos da Arte.

O País está empestado de uma verdadeira epidemia de trapaceiros do Bélo e, o que é pior, sem nenhuma esperança de um "exercito de salvação"..

Os "maestros" andam por aí como os "poetas", a três por dois e, tocando péssimamente um instrumento, ensinam magnificamente seis ou séte...

Senhores há que compram discos e aprendem a gritar, de ouvido e sem rítmo, um "Elixir de Amor" ou outro elixir qualquer.

(*) *N. da R. — Artigo transcrito pela sua oportunidade do "Jornal do Comercio", de Recife, Pernambuco.*

ALBA JACOB

NO PROGRAMA DA Bôa Iluminação

Fez-se ouvir com grande sucesso pela Rádio Cosmos, no dia 6 último, às 21 horas, no bem organizado programa da Bôa Iluminação, a jovem pianista Alba Jacob, que faz seus estudos com o prof. Clovis de Oliveira.

Essa juvenil pianista cujos predicados pianísticos a destacam sobremaneira no meio artístico paulistano, escolheu para a sua apresentação um grupo de magníficas peças: Roncalli-Respighi — Passacaglia; Tinoco — Estudo; Frutuoso Viana — Homenagem a Sinhô e Chopin — Estudo

---

impondo-se como sobertos tenores, em pouco tempo elevados a professores de canto pela autoridade maxima da "Guarda Nacional da Música", que no caso é sempre o jornal da cidade.

Professores de piano que foram músicos de segunda, de bandas militares ou de orquestra de teatros de arrabalde, e cujo trabalho, já se vê, é levar o indicador à lingua e virar as páginas, quasi sempre, do "Pianista Virtuoso", quando o pobre do aluno está fazendo mal uma passagem cujo segredo está às vezes no dedilhado dizem-lhe, com autoridade de arrepiar: "Vá tentando que um dia você fará..."

Daí as lamúrias, os desgostos dos pais que, na sua totalidade iludidos, confessam que os rebentos não têm gosto, não estudam nada, não querem saber de Música. Pudéra não! Com os "se tem febre, não me negue", não ha paciente que escape, a não ser por milagre...

No momento em que se trata no Brasil de aperfeiçoar a instrução, no instante em que se presenciam tantas reformas com o movimento dos Conselhos Nacionais de Ensino, não seria capaz de desprezar a providência de opôr um obstáculo aos abusos desses impudentes, verdadeiros criminosos que estão exigindo a assistencia de uma polícia de costume".

Homenagem a "Resenha Musical"

LIA FULDAUER

Será finalmente no próximo dia 19 do corrente, o anunciado recital que os ilustrés artistas Lia Fuldauer, Ernesto Kierski e Fritz Jank, homenagearão esta revista de arte em regosijo pela passagem do aniversário natalício de seu digno Diretor prof. Clovis de Oliveira.

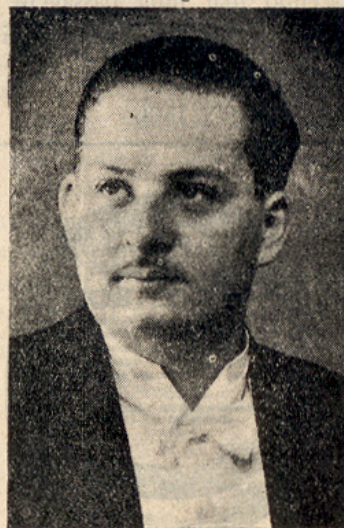
Essa reunião artística constituirá sem dúvida alguma, uma noitada brilhante, não sómente pela espectativa que reina em torno do fáto, como ainda pelo real mérito dos seus notáveis participantes.

Sobre a famosa soprano Lia Fuldauer, eis o que disse Silveira Peixoto, o conhecido crítico paulistano: "... a Cultura Artística proporcionou-nos a oportunidade de conhecer Lia Fuldauer, uma cantora de méritos incontestáveis. E é justo que se diga, desde logo, que esse recital constituiu mais um triunfo para a Cultura. E foi, tambem, um triunfo para a concertista. Dotada de qualidades vocais bem interessantes e de uma sensibilidade bastante pronunciada, sabendo compreender as páginas que se impõe, Lia Fuldauer logra interpretá-las de maneira realmente admiravel".

Sobre o festejado barítono Ernesto Kierski, assim se expressou o notável crítico carióca JIC: "Kierski revelou-se cantor excelente, não apenas de música de teatro, mas de música de câmara, ajudado por belíssima compreensão artística e por uma voz de tímbre poderoso e simpático".

Fritz Jank é um pianista que a nossa platéa já está acostumada a admirar e a aplaudir constantemente.

Por isso tudo, ha de a noite de 19 do corrente ser das mais inolvidáveis para todos os que acorrerem ao espaçoso e fino Salão Nobre do Conservatório.

Os nossos assinantes terão entrada franca. Os ingressos acham-se à disposição dos mesmos em nossa Redação. O programa a ser executado é o seguinte:

ERNESTO KIERSKI

I

BEETHOVEN	In questa tomba
SCHUBERT	Sonho da Primavera
R. STRAUSS	Devoção
SCHUMANN	Os dois Granadeiros
CARLOS GOMES ..	Sogni d'Amore — Op. "Lo Schiavo"
MEYERBEER	Adamastor re dell'aqua — Op. "La Africana"

ERNESTO KIERSKI

II

MOZART	Vedrai carino — Op. "Don Giovanni"
MOZART	Giunse alfin il momento — Op. "La Nozze di Figaro"
BACH	Onde ficas, caro Senhor Jesús
RACHMANINOFF ..	La femme du Soldat
C. GUARNIERI	O impossivel carinho
DELIBES	Les filles de Cadise

LIA FULDAUER

III

A. THOMAS	"Les Hirondelles" - Duetto - Op. Mignon
LEONCAVALLO ...	"Non so capir" - Duetto - Op. Zazá
VERDI	"Piangi Fanciulla" - Duetto - Op. Rigoletto

Ao Piano: — FRITZ JANK

CANTOS ORFEÔNICOS ESCOLARES

Casinha Pequenina	**J. Manfredini**
Nas ondas da praia	**Camargo Guarnieri**
A casinha da Colina	**J. Manfredini**
Acaso são estes...	" "
Canto do matuto	**Souza Lima**
Roda-Roda (brincando no jardim)	**A. Cantú**
A pequena do moinho (Canção Holandeza)	" "
Festa na Penha (Festa Popular)	" "
A Borboleta	" "
Alvorada	" "
Violeiros	**Fabiano R. Lozano**
Os Sinos da Vila	" " "
Soldados do Brasil	" " "
Uma vez na primavera	" " "
Avante mocidade	" " "
Meu Brasil	" " "
Avante Brasileiros	**João Gomes Junior**
Em pleno mar	" " "
Alvore bendita	" " "
Canção do Patriota	" " "
O Céu do Brasil	" " "
Cantos de minha terra	" " "
Hino Bilac	" " "
O sabiá	" " "
Voguemos	" " "
Minha terra tem palmeiras	" " "
A Pastora	**João Gomes de Araujo**
A Primavera	" " " "

EDIÇÕES — I. M. L. — S. PAULO

GILBERT CHASE E A BIBLIOTÉCA DO CONGRESSO EM WASHINGTON

A Divisão de Musica da Biblioteca do Congresso em Washington continua os seus esforços para fomentár as relações inter-americanas no campo da musica. Graças a uma subvenção especial e com a cooperação da Comissão Inter-Departamental para Relações Inter-Americanas, a Divisão de Musica póde ajuntar ao seu corpo de musicólogos um técnico em estudos latino-americanos.

Este especialista é o senhor Gilbert Chase y Culmell, muito conhecido pelos seus trabalhos sôbre a musica hispânica. Nascido na Havana, de mãe cubana e pai norte-americano, tem falado sempre o espanhol e o inglês, sendo-lhe tambem conhecidas a lingua e a cultura portuguesa. Foi presidente da Sessão Hispânica do Congresso Internacional de Musicologia, em Nova York, no ano passado. Atualmente prepara para publicação um livro sobre "A Musica na Espanha", incluindo nele capítulos sobre a musica portuguesa e a latino-americana.

Durante seis anos o senhor Chase foi critico musical no "Daily Mail" em Paris e correspondente da revista "Musical America" de Nova York. Mais recentemente serviu de redator das secções hispânicas do "International Cyclopedia of Music and Musicians" (1939) e do "Bake's Biographical Dictionary of Musicians" (1940).

No seu novo posto o senhor Gilbert Chase estudará analíticamente a coleção latino-americana da Divisão da Musica da Biblioteca do Congresso e ocupars-e-á a desenvolver a dita coleção para torná-la a mais completa possivel. Tambem vae investigar o material latino-americano em outras bibliotecas musicais dos Estados Unidos da America do Norte e recomendar meios para facilitar o seu estudo. Preparará o senhor Gilbert Chase varias listas bibliográficas, um "Guia da Musica Latino-Americana", e uma secção anual sôbre musica latino americana para o "Hand-book of Latin American Studies".

OS CÉGOS E A MUSICA

Em harmonia com a sua condição que as afasta do mundo exterior as pessôas privadas da vista, são grandes e apaixonadas cultoras da música. No entanto não se julgue que a música que executam e principalmente a que compõem seja triste.

Pelo contrario, suas produções possuem muito do canto alegre dos passaros, da loquacidade alacre da brisa brincalhona, do suave murmurio da agua corrente. Os autores classicos, principalmente não têm segredos para eles.

Nasceram músicos, ou sua natureza, tornou-se, essencialmente musical. Sua alma vive perfeitamente curvada sobre sí mesma, e por isso identificam-se mais facilmente com a alma dos grandes músicos para os quais a existência introspectiva formava quasi uma condição normal.

Curiosa esta observação sobre o carater da música dos cégos, mas perfeitamente explicavel. As pessôas que não vêem principalmente os cégos de nascença, desconhecem grande parte das coisas amargas e tristes que formam a nossa vida quotidiana. É a lei das compensações. Os aspéctos dolorosos, grotescos e trágicos da vida desapareceram para eles. A vida para eles é bem mais um fenomeno físico que um fáto tangivel e real. Forjaram ou construiram um mundo aparte, dentro de sí, luminoso e sonoro, sem o tumulto e sem as pequeninas misérias do nosso, e povoaram-no das doces figuras que a sua imaginação, forçosamente transcendental criou. E, como esse mundo vive dentro deles, vivem eles por sua vez, para as fantasias e luminarias desse mundo. Dentro de cada cégo ha um poeta e um resignado. Da poesia e da resignação em que envolveram sua alma surge essa suavidade um tanto infantil, da sua alegria. E é por isso que geralmente, e ao contrario do que se poderia supôr, a música dos cégos, quer a que executam, quer a que compõem é quasi sempre alegre.

MICROFONE

GENÉSIO PEREIRA FILHO

OS NOSSOS AUTORES
II

As melhores letras de nossos autores são as escritas para valsas. Muitas delas, como a que citei no número passado, são verdadeiros poemas. Cantam elas, elevadamente, o amôr, sem que lancem seus autores mão de palavras baixas, obcenas. Assim, Paulo Barbosa (que tambem é autor da canção que publiquei na secção passada, compôs com Francisco Célio (seu parceiro na citada canção) a seguinte valsa:

QUERO A TEUS PÉS TE ADORAR

Quando tua mão pequenina apertei,
— teus olhos nos olhos meus —
o coração senti a palpitar
e sonhei
que nos meus braços,
trêmula de amôr,
te estreitei!...

VEM, MEU AMÔR!
vem me trazer
a caricia deliciosa
que tu podes dar
para mim!
No afago carinhoso,
nesse geito tão mimoso,
de tuas mãos
— flores morenas —
lindas de setim!...
Vem, meu amôr!
Quero sentir
a doçura de teu beijo
que eu vivo a desejar!
Sinto um gosto bom de flôr
nos teus lábios de dulçor!...
QUERO A TEUS PÉS TE ADORAR!...

Além da delicadeza da inspiração, notase uma alta emotividade, uma feliz realização dos versos.

Agóra, o "Velho Realejo", de Custodio de Mesquita e Sady Cabral. A letra é muito bonita e teve a felicidade de obter uma música magnífica. Silvio Caldas, ao gravar, tambem fê-lo com muita "bossa". Resultado: um sucesso! Sem dúvida alguma, é uma das mais belas gravações do "caboclinho".

Traz, a letra de "Velho Realejo", muitas recordações. Descreve uma historia que quasi toda gente vive, numa cidadezinha do interior ou mesmo na capital, em que o progresso ainda não conseguiu banir o clássico homem do realejo, com seus periquitinhos que tiram a sorte. Hoje, ao se ouvir a melodia de um realejo, que traz em si, sempre, uma nostalgia, lembra-se da infancia, da vida de creança, das brincadeiras de roda... A roda? Sim, as brincadeiras de roda, que não se faziam somente nas noites de junho, quando muitas fogueiras estavam acessas. Mas que eram de todas as tardes, quando os páis da gente ficavam na janela e nós — creanças — brincávamos nas ruas. Rodas em que se cantavam "Senhora dna. Sanja", "O anel que tu me deste", "Carneirinho, carneirão", etc.

Nessas rodas de todas as tardes... Em que havia sempre um menino triste, aquele que não sabia sorrir, com uma nostalgia profunda em seus olhos de azeviche... Em que o menino forte gostava de maltratar o fraco... Em que havia meninas bonitas e feias. Por que não se gostava daquela de cabelos ruivos e de rosto sarden-

to? Por que a simpatia pelo menino de roupa pobre? Por que a raiva contra aquele de roupa sempre limpa, nova e de cabelos penteados?

E por que, — creanças ainda — gostávamos tanto de pegar nas mãos macias da menina morena, filha do visinho? Por que, em olhares ternos e longos, duas almas de creanças se enlaçavam?

Talvez não pudesse o nosso raciocinio de infantes chegar a uma conclusão. E pensar-se-ia nisso?

Mas, hoje que tudo é diferente... Hoje tudo é explicado pelo canto triste do realejo que desfila diante de nós a longa historia do passado... Tudo ressalta da saudade que fere a alma da gente e da nostalgia funda que vem morar no coração ferido:

Naquele bairro afastado
Onde em creança vivias,
a remover melodias
duma ternura sem par,
passava todas as tardes
um realejo risonho...
passava como num sonho
o realejo a cantar...

Depois tu partiste
ficou triste
a rua deserta;

B. B. C. em tempo de paz

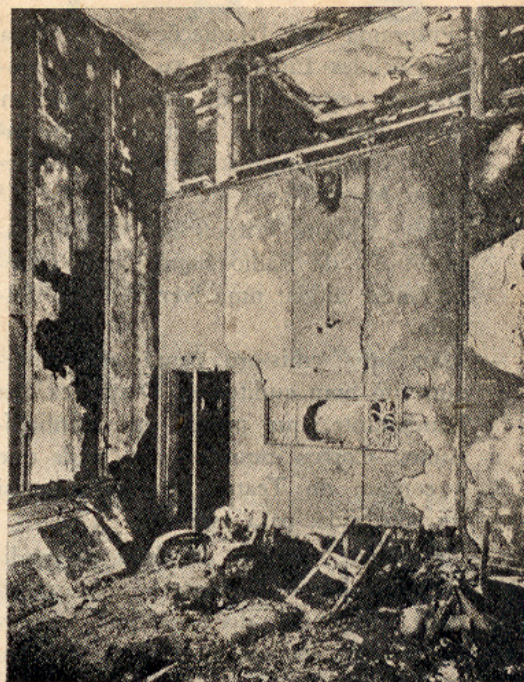
B. B. C. em tempo de guerra

na tarde fria e calma
ouço ainda o realejo a tocar.
Ficou a saudade
comigo a morar.
tu cantas alegre e o realejo
parece que chora
com pena de ti.

(*Continúa*)

RAPSODIA REGIONAL BRASILEIRA

O snr. Osvaldo Stamato, conhecido maestro e declamador, realizou em sua residencia, à rua Galvão Bueno, 412, nesta capital, no dia 1.º de agosto, a apresentação de seu filme "Rapsodia Regional Brasileira", produzido em 15 dias e sem o mínimo ensaio, com o concurso exclusivo de amadores.

O filme baseia-se num argumento escrito pelo proprio snr. Osvaldo Stamato, — muito interessante — que tambem desempenha o principal papel masculino.

Surpreendeu-nos a película, pela felicidade de realização, já que feita sem ensaios e sem grandes pretensões, a não ser a de obra de amadores. O filme é sincronisado em diversas passagens, sendo ainda em tecnicolor em inúmeras outras. É digno de destaque o fato do filme apresentar-se em tecnicolor em vários trechos, pois não sabemos de igual tentativa em filmes brasileiros projetados nas telas dos cinemas.

A fita tem por fundo a Rapsodia Regional Brasileira, de autoria do snr. Osvaldo Stamato, de magnífica melodía e reveladora dos seus dotes artísticos. É uma produção digna de elogios e de admiração.

A grata noitada proporcionada pelo snr Osvaldo Stamato contou com o comparecimento de grande número de familias e amigos do maestro.

"Resenha Musical" fez-se representar.

A VOZ DO BRASIL

— "Programa das Irradiações", a revista de Euclides Lima e Egas Muniz, publicada nesta capital, comemorou em julho último o seu primeiro aniversario. Cumprimentos cordiais da "Resenha Musical".

— Otilia Amorim estreou no "Teatro para Você", da Radio Bandeirante, interpretando ainda uma vez Tereza Raquin.

— Mais uma emissora pensa em conseguir um bom auditorio. Desta vez é a Bandeirante, que possuê um acanhadíssimo. Correu mesmo a noticia de que a compra do Teatro Bôa Vista quasi foi concluida, para esse fim.

— "Microfone" visitou as obras do auditorio da Radio Difusora. Sua capacidade, segundo disse Alceu Camargo Silveira, locutor da PRF-3, será para 800 pessôas.

— A estação de ondas curtas da Radio Difusora, a ser posta em funcionamento dentro de algumas semanas, será tão forte quanto a Paris-Mondial, a emissora de Schenactady (WGEA).

— No dia 5 de agosto, pela Difusora, um programa de Gilda Gusso, na "Meia Hora do Virtuose". O ruido do piano ou banco — não se pode afirmar com certeza — prejudicou em parte a audição da peça.
A Valsa Vienense de Friedmann não agradou totalmente.

Dr. Eurico Nogueira França

E' nosso correspondente na Capital da República, atualmente, o ilustre crítico musical sr. dr. Eurico Nogueira França, residente a Rua Carvalho Monteiro, 44, para onde deverão ser enviados comunicados e convites.

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Uma assinatura anual de RESENHA MUSICAL custa apenas 20$000.
Numero avulso .... 3$000
Suplemento avulso . 3$000

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Colaboração nacional e extrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial.

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrazados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou extrangeiro.

Anuncios: fone 5-4630.
Redação: - R. Cons.º Crispiniano, 79 8.º andar - S. Paulo.

V A R I A S

ONDINA FARIA BONORA DE OLIVEIRA

Por áto da ilustrada Diretoria da Associação Paulista de Imprensa, em reunião realizada em 31 de Julho p.p., foi aprovado a inclusão do nome da profra. Dona Ondina Faria Bonora de Oliveira, digníssima Redatora de RESENHA MUSICAL, para o quadro social daquela nobre entidade de classe.
Congratulamo-nos com Dna. Ondina F. B. de Oliveira, por essa resolução da A. P. I., apresentando nossos parabens.

HANS JOACHIM KOELLREUTTER

Fixou residencia nesta Capital, o brilhante compositor e flautista Hans-Joachim Koellreutter, fundador da conhecida agremiação artística denominada Grupo "Música Viva", do Rio de Janeiro. Representa no Brasil, a Editorial Cooperativa Interamericana de Compositores.

LUIZ HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO

Seguiu a 15 de Julho p.p., para os Estados Unidos, á convite da União Panaremicana o nosso ilustre colaborador e estimado amigo, prof. Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, que se fez acompanhar de sua exma. esposa.
Ao distinto casal desejamos uma feliz estadía naquele país.

CLOVIS DE OLIVEIRA

É representante da Associação dos Artistas Brasileiros, nesta Capital e no Estado de S. Paulo, o nosso digno diretor sr. prof. Clovis de Oliveira.

INCENSO DA MINHA MISÉRIA

Este é o título do lindo opusculo de poesias que o querido poeta paulista dr. Arlindo Santos Veiga compôz e que está sendo distribuido como brinde aos novos assinantes de RESENHA MUSICAL.

EDIÇÕES MUSICAIS

Levamos ao conhecimento dos nossos prezadíssimos leitores, que assumiu a direção da conhecida secção desta revista "EDIÇÕES MUSICAIS", o conceituado prof. Hans-Joachim Koellreutter.

REPORTER-FOTOGRAFO

Exerce atualmente as funções de Reporter-fotografo, de RESENHA MUSICAL, o conhecido e apreciado profissional sr. Nicolas Delcids.

M.º TOSCANINI

Encontra-se em Buenos Aires o famoso regente Arturo Toscanini.

JORGE KASZAS

Seguiu para Joinville, Sta. Catarina, o abalizado regente sr. Jorge Kaszás, que dirigirá naquela importante cidade sulina, um concerto com a orquestra da Sociedade Harmonia Líra.

MUSICA DE CAMARA

Com o presente número RESENHA MUSICAL publíca seu V Suplemento, composição do jovem e consagrado compositor Hans Joachim Koellreutter, intitulada "MUSICA PARA CAMARA". Sobre esta óbra publicaremos no proximo n.º um estudo da autoria do prof. Camargo Guarnieri.

Hans Joachim Koellreutter, nasceu na Alemanha, estudou na *Staatlich Akademischen Hochschule e fuer Musik*, frequentando os cursos de Harmonia, Contraponto, Composição e Regencia do prof. Kurt Thomas e Hermann Scherchen e Marcel Moyse (em Genebra). Fez um curso de composição moderna com Paul Hindemith. Como flautista virtuóse, já percorreu as principais capitais da Européa. Reside atualmente em S. Paulo, tendo realizado numerosos concertos no Brasil.

IV ANIVERSARIO DE RESENHA MUSICAL

Em Setembro proximo, com um número especial, RESENHA MUSICAL comemorará o IV aniversário de sua fundação.

SOCIEDADE JUNDIAIENSE DE CULTURA ARTISTICA

Em homenagem a sua digna Presidente, sta. profra. Deolinda Copelli, realizou-se em 14 de Julho p. p., uma bem organizada audição musical à cargo das alunas da profra. Rachel Peluso, com o concurso da orquestra da sociedade sob a direção do sr. Artur Vasques.

ANA STELLA SCHICK

Em "tornée" artística para a I. A. B., seguiu para o interior deste Estado, a jovem pianista Ana Stella Schick.

AUDIÇÃO DE CANTO

Organizada pelo prof. Hermann Frischler, realizou-se no "Ginasium" Mackenzie, uma audição de canto a cargo de seus alunos. Cumpre-nos destacar do programa a atuação da sra. Hilda Lissauer, que interpretou Romance, da opera Mignone, de Thomas.

SOCIEDADE BACH

Esta importante sociedade de cultura musical, realizou no Club Piratininga, em 31 de Julho, mais um saráu dedicado aos seus socios. Participaram do mesmo, entre outros artistas, a pianista Mercês da Silva Telles e a ilustre cantora Lotte V. Lustig-Prean.

JOSE' FROEHLICHSTEIN

Por resolução da Direção desta revista, acaba de assumir o importante posto de Diretor de Publicidade de RESENHA MUSICAL, o nosso estimado amigo e arduo batalhador sr. José Froehlichstein. Já labutando entre nós por espaçado tempo, angariou entre seus companheiros de trabalho, toda simpatía e confiança, frutos invejaveis de um trabalho honesto e incançavel.

INDICADOR PROFISSIONAL

O PEQUENO LYRICO

Trechos de Operas, facilitados

por

JOÃO PORTARO